

A PESQUISA CIENTÍFICA NO FUTSAL: UMA REVISÃO DESCRITIVA

Ariel Martins

Graduado em Educação Física

Instituição Educacional São Judas Tadeu

José Augusto Evangelho Hernandez

Doutor em Psicologia

Instituição Educacional São Judas Tadeu e UFRGS

Rogério da Cunha Voser

Doutor em Ciências da Saúde

UFRGS

A constatação de que a produção de conhecimento científico desenvolvido dentro da modalidade desportiva Futsal, até o presente momento, não teve uma revisão que, de alguma forma, resultasse em uma organização destes dados, é a principal justificativa para a realização deste estudo. Esta pesquisa poderá contribuir com informações sistematizadas sobre as investigações realizadas envolvendo o Futsal, no período delimitado, aos futuros pesquisadores que desta área desportiva. Entre outras, poderá ser uma ferramenta útil para a tomada de decisão acerca dos problemas de pesquisa a serem adotados nas próximas investigações.

Este estudo tem como tema à pesquisa realizada no futsal, desde que o mesmo mudou seu nome de futebol de salão para futsal, ou seja, a partir de 1990. Foi feita uma pesquisa bibliográfica do tipo exploratória, via internet, de publicações produzidas no idioma português, no período de 1990-2007. Os *sites* pesquisados foram os seguintes: www.scielo.br, www.efdeportes.com, www.futsalbrasil.com.br, www.pedagogiadofutsal.com.br.

Segundo Saad (2000) o futebol de salão surgiu na década de 30 onde os jogos começaram a ser adaptados as quadras de basquete e pequenos salões. A sua origem é polêmica, pois tanto o Brasil, quanto o Uruguai, reivindicaram sua criação. As regras do futebol de salão foram fundamentadas no futebol, basquete, pólo aquático e handebol pelo professor Ceriani da Associação Cristã de Moços de Montevidéu (Uruguai), com o objetivo de ser praticado nas aulas regulares de Educação Física. No Brasil, o futebol de salão deu os primeiros passos também na década de 30, através das ACMS do Rio de Janeiro e São Paulo onde foram protagonizadas as primeiras práticas do futebol de salão, aonde chegou até os clubes recreativos e escolas, ganhando popularidade até um aperfeiçoamento das regras e sua unificação para a prática em todo o país na década de 40 (SAAD, 2000).

Apesar das divergências, o que se conclui é que o futebol de salão nasceu na Associação Cristã de Moços, na década de 30 em Montevidéu ou na década de 40 em São Paulo (FUTSAL BRASIL, 2003).

Em 1954 foi organizado um campeonato de futebol de salão na cidade de São Paulo pela recém formada Liga de Futebol de Salão do Departamento de Extensão da ACM. Em julho deste mesmo ano é fundada a Federação Metropolitana de Futebol de Salão no Rio de Janeiro, e no ano seguinte (1955) a fundação da Federação Paulista (SAAD, 2000).

Em 1958 a Confederação Brasileira de Desportos oficializa a prática do futebol de salão, unifica as suas regras e funda o conselho técnico de futebol de salão tendo as Federações Estaduais como filiadas. (FUTSAL BRASIL, 2003).

Nas décadas de 60 e 70, surgiram os primeiros campeonatos Sul-Americanos de Futebol de Salão e de seleções nacionais, com a fundação da Confederação Sul Americana de Futebol de Salão (SAAD, 2000).

No início de década de 70 foi criada a Federação Internacional de Futebol de Salão (FIFUSA) no Rio de Janeiro, contando com a filiação de 32 países. A FIFUSA organizou três campeonatos mundiais e teve como seu primeiro presidente João Havelange. Em 1979 deixa de existir a CBD entidade que o Futebol de Salão era vinculado, para a fundação Confederação Brasileira de Futebol de Salão - CBFS tendo como seu primeiro presidente Aécio de Borba Vasconcelos. No início da década de 90, o Futebol de Salão para tornar-se um desporto olímpico e também ser reconhecido pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), modificou as suas regras através de uma fusão com o futebol de cinco, que é um desporto reconhecido pela FIFA. Surge então o FUTSAL, terminologia adotada para esta fusão no contexto esportivo internacional. Mais de 130 países se filiaram a FIFA e sob sua organização promoveram três campeonatos mundiais de Futsal: 1989 (Holanda), 1992 (Hong Kong) e 1996 (Espanha), tendo o Brasil como campeão nos três mundiais (SAAD, 2000).

Em 2000 tivemos a sétima edição do mundial de futsal, na Guatemala, o Brasil é surpreendido pela Espanha na final e perde a sua hegemonia. Em 2003 por intermédio de Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, o Futsal é incluído nos jogos Pan Americanos de 2007 no Rio de Janeiro. A federação paulista lança um projeto em prol do futsal: “Eu quero Futsal Olímpico” (FUTSAL BRASIL, 2003).

Com este crescimento do futsal, se faz necessário que haja uma maior produção de conhecimento, de modo que os envolvidos neste esporte possam qualificar a sua metodologia de trabalho.

Esta pesquisa sistematizou as pesquisas científicas publicadas em diversos *sites* da internet. Existem várias formas de classificar as pesquisas. Os tipos de pesquisa apresentados nas diversas classificações não são estanques. Segundo Lakatos e Marconi (2001) uma pesquisa pode estar ao mesmo tempo enquadrada em várias classificações, desde que obedeça aos requisitos inerentes a cada tipo. Não existe um tipo de pesquisa melhor que o outro, mas sim níveis diferentes de aprofundamentos, direcionamentos e enfoques específicos relacionados com os objetos de estudo, objetivos do trabalho e perfil do pesquisador. As formas de classificação que foram adotadas neste estudo serão apresentadas a seguir.

Pesquisa Quantitativa

Considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

Pesquisa Qualitativa

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (THOMAS; NELSON, 2002).

Pesquisa Exploratória

Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão.

Pesquisa Descritiva

Visa descrever as características de determinada população ou fenômeno. Envolve o uso de técnicas padronizadas de coleta de dados: questionário e observação sistemática.

Bibliográfica

Esta pesquisa é considerada o primeiro passo de qualquer pesquisa científica, pois recolhe e seleciona conhecimentos prévios e informações acerca de um problema ou hipótese já organizada e trabalhada por outro autor, colocando o pesquisador em contato com materiais e informações que já foram escritos anteriormente sobre determinado assunto.

Correlacional

A proposta da pesquisa correlacional é examinar o relacionamento entre certas variáveis de desempenho, não conseguindo presumir uma relação de causa e efeito. Tudo o que pode ser estabelecido é que existe uma associação entre dois ou mais traços ou performances (THOMAS; NELSON, 2002).

Experimental

Consiste essencialmente em submeter os objetivos de estudo à influência de certas variáveis, em condições controladas e conhecidas pelo investigador, para observar os resultados que a variável produz no objeto. A pesquisa experimental pode ser subdividida em alguns tipos (THOMAS; NELSON, 2002).

Genuinamente experimental ou clássica

É necessário que os indivíduos que participem do experimento componham dois grupos: o experimental e o de controle. A inclusão num ou noutro grupo deverá ser feita por um processo de distribuição aleatória. Os indivíduos do grupo experimental deverão ser submetidos a algum tipo de estímulo de influência ou, em outras palavras, à ação da variável independente, o grupo de controle fica submetido às condições normais (THOMAS; NELSON, 2002).

Pré-experimental

Não há comparação entre dois grupos, porque não há grupo de controle. A pesquisa é realizada com um único grupo, mudando-se apenas as condições deste grupo (THOMAS; NELSON, 2002).

Quase-experimental

Não apresenta distribuição aleatória dos sujeitos nem grupo de controle, é desenvolvida com bastante rigor metodológico e aproxima-se bastante da pesquisa experimental. Nesses casos, a comparação entre as condições de tratamento e não tratamento pode ser feito com grupos não equivalentes (THOMAS; NELSON, 2002).

Thomas e Nelson (2002), complementando as idéias anteriores, afirmaram que não existe apenas um método correto para a pesquisa, o melhor a ser utilizado pelo pesquisador é o que se mostrar mais adequado para o estudo do objeto investigado. Nesta perspectiva, o presente estudo tentará classificar os dados das pesquisas científicas no Futsal do período de 1990-2007. Desta forma, elaborar um documento com informações integradas sobre as publicações produzidas incentivando novos estudos na área.

MÉTODO

FONTES PARTICIPANTES

O presente estudo compreende uma pesquisa bibliográfica sobre as pesquisas realizadas e publicadas envolvendo o contexto do Futsal no período de 1990-2007. Portanto, foi focalizado um determinado número de fontes (*sites*) em língua portuguesa para obtenção dos dados. Os sites são os seguintes: www.scielo.br, www.efdeportes.com, www.pedagogiadofutsal.com.br e www.futsalbrasil.com.br. Foram analisadas 131 publicações dos sites citados acima.

INSTRUMENTO

Foi utilizada uma planilha (construída para este trabalho) para registro das informações acerca dos estudos publicados. Nesta tabela foram anotados dados como: referências bibliográficas, tipo de pesquisa, área de pesquisa, conteúdo, sujeitos, resultados e observações.

PROCEDIMENTOS

Coleta de Dados

Como o presente estudo compreende uma pesquisa bibliográfica, foi focalizado um determinado número de fontes (*sites*) para obtenção dos dados. Conforme as pesquisas e publicações eram analisadas, os dados eram repassados para a planilha de registros.

Análise dos Dados

Os dados foram digitados e analisados no SPSS, versão 15.0, através de técnicas estatísticas descritivas.

RESULTADOS

Tabela 1. Distribuição de frequência por ano.

Ano	Frequência	Percentual	Percentual Cumulativo
1999	2	1,5	1,7
2000	18	13,7	16,5
2001	10	7,6	24,8
2002	10	7,6	33,1
2003	5	3,8	37,2
2004	21	16,0	54,5
2005	24	18,3	74,4
2006	14	10,7	86,0
2007	17	13,0	100,0
Sem ano*	10	7,6	
Total	131	100,0	

* Dados que não foram encontrados nas fontes.

Como podem ser observadas na Tabela 1, as duas primeiras publicações encontradas nos sites pesquisados aparecem no ano de 1999 e até o final do ano

2003 acumularam 45 publicações correspondendo a 37,2 % do total levantado. Por outro lado, de 2004 a 2007 o número de publicações cresceu para 75, perfazendo 62,8% do total examinado.

Dentre as áreas gerais da Educação Física, a do rendimento foi a que apresentou a maior concentração de publicações e a área da saúde a menor, vide Tabela 2.

Tabela 2. Distribuição de frequência das áreas gerais da Educação Física.

Áreas Gerais	Frequência	Percentual
rendimento	112	85,5
escolar	19	14,5
Total	131	100,0

Considerando áreas específicas da Educação Física, o treinamento desportivo foi a que apresentou o maior número de publicações e a da biomecânica e da antropometria o menor, conforme Tabela 3.

Tabela 3. Distribuição de frequência das Áreas específicas da Educação Física.

Áreas específicas	Frequência	Percentual
treinamento desportivo	42	32,1
formação de atletas	8	6,1
psicologia do esporte	23	17,6
biomecânica	1	0,8
lesões esportivas	3	2,3
fisiologia do esporte	8	6,1
administração esportiva	16	12,2
pedagogia do esporte	15	11,5
desenvolvimento motor	2	1,5
tática	8	6,1
antropometria	1	0,8
história	4	3,1
Total	131	100,0

Tabela 4. Distribuição de frequência por participantes.

Participantes	Frequência	Percentual
crianças	4	3,1
adolescentes	7	5,3
crianças adolescentes	5	3,8
adolescentes adultos	2	1,5
adultos masculinos	27	20,6
adultos femininos	4	3,1
crianças adolescentes adultos	1	0,8
adultos masculinos e femininos	1	0,8
Total	51	38,9
Estudo sem participantes	80	61,1
Total	131	100,0

A análise das publicações revelou 51 pesquisas de campo realizadas no período investigado e 31 delas com participantes adultos do sexo masculino, de acordo com a Tabela 4.

Tabela 5. Distribuição de frequência por tipo de publicação.

		Percentual	Frequência
Válido	opinião ou ensaio crítico	45,0	59
	correlacional	9,9	13
	experimental	2,3	3
	revisão bibliográfica	15,3	20
	descritiva quantitativa	22,1	29
	descritiva qualitativa	5,3	7
	Total	100,0	131

Os números e percentuais de publicações investigadas por tipo podem ser observados na Tabela 5, respectivamente. A opinião ou ensaio crítico foi a que apresentou a maior frequência em detrimento das pesquisas científicas em menor número.

Os números e percentuais de publicações por assunto abordado podem ser observados na Tabela 6, respectivamente. A tática foi o assunto que apresentou o maior número de publicações.

Tabela 6. Distribuição de frequência por assunto abordado.

		Percentual	Frequência
Válido	treinamento	13,7	18
	tática	17,6	23
	formação	14,5	19
	auto-estima	,8	1
	desenvolvimento motor	1,5	2
	resultados	1,5	2
	motivação	3,8	5
	ansiedade	6,9	9
	técnica	3,1	4
	concentração	1,5	2
	lesões	2,3	3
	flexibilidade	,8	1
	consumo de oxigênio	2,3	3
	administração	13,7	18
	liderança	3,1	4
	nutrição	,8	1
	regras	,8	1
	perfil do atleta	2,3	3
	comportamento dos pais	1,5	2
	antropometria	,8	1
	história	2,3	3
	metodologia do ensino	3,8	5
	lactato	,8	1
	Total	100,0	131

DISCUSSÃO

A constatação de que as publicações analisadas apareceram somente a partir de 1999, embora o período examinado iniciasse em 1990, provavelmente, tenha relação de que os conhecimentos adquiridos no futsal estivessem mais relacionados com a informalidade do que com um sistema estruturado e organizado, ou seja, mais científico. Um outro fator importante é o fato de o futsal embora tenha muitos praticantes, ainda não possui um investimento financeiro de mesma proporção, principalmente no Brasil. Na realidade, são poucas as equipes que possuem uma estrutura completa, apenas algumas equipes de Universidades reúnem melhores condições. Nesta perspectiva, o crescimento das publicações a partir do ano de 2004, possivelmente seja devido a maior divulgação dos campeonatos profissionais pela mídia. Em consequência, esses impulsos podem ter estimulado os envolvidos com essa modalidade esportiva a investir na pesquisa e na discussão informal das diversas questões da área.

A revelação de que o rendimento foi a área geral da Educação Física em que se situou a maioria das publicações no período, pode remeter a um viés histórico desta disciplina e, é claro, a influência da mídia e os interesses econômicos vinculados ao esporte. A mídia,

principalmente a televisiva, através de seus programas de maior audiência, busca a todo o momento apresentar casos de atletas que alcançaram posição social privilegiada. Os relatos de infâncias pobres são corriqueiros, as entrevistas focalizam, na maioria das vezes, o período difícil pelo qual o atleta passou ou das dificuldades econômicas atuais daqueles que ainda estão em busca da fama e da riqueza material. Desta forma, pais, alunos, professores e o próprio currículo da escola não priorizam a Educação Física Escolar e estimulam os alunos desde cedo a competirem e se interessarem pelo rendimento (DE PAES, 2007).

O treinamento desportivo ter sido a área específica com o maior número de publicações deve estar diretamente vinculado ao fato de que a área geral do rendimento também tenha sido a mais abordada.

Nas pesquisas de campo houve um número consideravelmente maior de participantes do sexo masculino em comparação com outros tipos. Com relação ao pequeno número de mulheres, a explicação certamente remete a história da participação do sexo feminino nos esportes. As mulheres na antiguidade eram proibidas de participarem dos jogos olímpicos como atletas e, até, como espectadoras. Somente a partir de 1900 foi admitida formalmente a participação feminina nos jogos olímpicos de Paris, no qual 19 mulheres competiram em dois esportes: golfe e tênis. No final do século XIX e início do século XX, mulheres que praticavam esportes como rúgbi, boxe e hóquei estariam se posicionando contra os ideais contemporâneos e a feminilidade. O envolvimento feminino em atividades esportivas ainda é menor que a masculina, mas tem aumentando gradualmente. Nos jogos olímpicos de 1900 eram 19 mulheres (1,6%); em 1984, 1567 mulheres (23%) e 4.069 nos Jogos Olímpicos de Sydney (38,2%) do total de participantes. Hoje em dia esse número já está mais equilibrado, mas ainda persistem as dificuldades e o preconceito (CIDADE; DA ROCHA, 2008). A baixa participação de crianças e adolescentes como objetos de investigação nas publicações revisadas, pode estar relacionado com o foco maciço das mesmas na área do rendimento desportivo em detrimento das áreas escolar e da saúde.

Dentre as publicações, opinião e ensaio crítico foram predominantes mostrando que a maioria da produção intelectual no futsal se encontra num estágio pré-científico, especulativo e fortemente influenciado pela subjetividade e interesses ideológicos dos autores. Por outro lado, as pesquisas científicas apresentaram limitações em qualidade e número. O futsal é uma das modalidades que mais cresceu no país nos últimos anos, nas escolas, nos clubes e em equipes profissionais, contudo ainda não há um volume proporcional de pesquisas científicas bem estruturadas. Neste aspecto, ficou evidenciada há necessidade de profissionais com formação acadêmica que se interessem em desenvolver conhecimentos sistemáticos nesta modalidade.

Com relação ao assunto das pesquisas e aceitável que as variáveis de tática, formação de atletas, treinamento e a administração sejam os fatores com índices mais elevados, tendo em vista que esses fatores são muito importantes para organizar equipes escolares, escolinhas, equipes amadoras e equipes de alto rendimento, mais ao mesmo tempo fatores com valores menos elevados como os da área da psicologia e da preparação física podem ser considerados fundamentais, principalmente, se formos trabalhar com o alto rendimento.

CONCLUSÃO

A idéia que sintetiza esta experiência é de que o futsal ainda não foi capaz de desenvolver um corpo de conhecimentos substancializado na metodologia científica, haja vista o número de pesquisas encontradas nesta investigação. Além disso, muitas destas não estavam estruturadas nos moldes adequados. Contudo, a presença de alguns estudos mais recentes indica a possibilidade de um crescimento significativo de qualidade na produção de

conhecimentos relativos a essa modalidade esportiva nos próximos anos.

Cabe ressaltar que uma das limitações deste estudo está relacionada ao pequeno número de fontes (*sites*) onde foram coletadas as publicações. Espera-se que, no mínimo, o mesmo sirva de inspiração para novos estudos realizados na área do futsal e da pesquisa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2001.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**, ano VI, n. 12, 2000, 2001

CIDADE, E. R.; DA ROCHA, M. B. F. **A mulher e o esporte**: O processo civilizador e o envolvimento feminino nos esportes. Disponível em:
<http://www.fef.unicamp.br/sipc/anais8/Ruth%20Eug%C3%AAnia%20Cidade%20E2%80%93%20UFPR%20.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL. **Regras oficiais de futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

DE PAES, R. A. **Esporte de Alto Rendimento x Esporte Participação/Educação**: Uma Luta Desigual. 2007. Disponível em:
http://revistacomunicologia.org/index.php?Itemid=127&id=161&option=com_content&task=view. Acesso em: 10 jun. 2008.

FUTSAL BRASIL. **História**: No Brasil. Disponível em:
<http://www.futsalbrasil.com.br/historia.php> . Acesso em: 20 maio 2007.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

SAAD, M. **Futsal**: Iniciação técnica e tática. Sugestões para organizar a sua equipe. 2ª edição, Santa Maria: MaS editor, 2000.

SANTOS FILHO, J. L. A. dos. **Manual de Futsal**. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Métodos de Pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

VARGAS NETO, F. X. **Atividades físico-desportivas**: O novo paradigma de promoção da saúde. Caxias do Sul: Educs, 2004.

SITES

EFDEPORTES.COM. Disponível em: www.efdeportes.com .

FUTSAL BRASIL: O PORTAL MUNDIAL DO FUTSAL. Disponível em:
www.futsalbrasil.com.br .

PEDAGOGIA DO FUTSAL. Disponível em: www.pedagogiadofutsal.com.br .

SCIENTIFIC ELECTRONIC LIBRARY ONLINE (*SciELO*). Disponível em: www.scielo.br .